

VIOLÊNCIA DE GÊNERO E OS IMPACTOS SOBRE A SAÚDE DA MULHER

GENDER-BASED VIOLENCE AND ITS IMPACT ON WOMEN'S HEALTH

LA VIOLENCIA DE GÉNERO Y SUS REPERCUSIONES EN LA SALUD DE LAS MUJERES

Ana Edimilda Amador¹, Helaine Magalhães Medeiros Ibiapina², Lucineire Lopes de Oliveira³, Maria Tereza de Santana Araújo⁴, Emanuellito de Oliveira Costa⁵, Maielle da Costa Duarte Cerqueira⁶, José Carlos de Souza Neto⁷, Marcus Vinícius Gomes Martins⁸

DOI: 10.54899/dcs.v23i91.5957

Recibido: 22/05/2026 | Aceptado: 15/06/2026 | Publicación en línea: 24/06/2026.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar os impactos da violência de gênero sobre a saúde da mulher, buscando compreender as principais repercussões físicas, psicológicas e sociais decorrentes dessa problemática, bem como discutir o papel dos serviços de saúde e das políticas públicas no enfrentamento da violência. Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma revisão integrativa da literatura, estruturada a partir da estratégia PICO e conduzida conforme as diretrizes do protocolo PRISMA. As buscas foram realizadas nas bases de dados SciELO, Scopus, Directory of Open Access Journals (DOAJ) e Google Acadêmico, utilizando descritores relacionados à violência de gênero, violência contra a mulher e saúde da mulher, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR. Foram incluídos artigos científicos publicados em português, disponíveis gratuitamente na íntegra, desenvolvidos no contexto brasileiro e publicados entre os anos de 2023 e 2024. Os resultados evidenciaram que a violência de gênero produz impactos significativos sobre a saúde das mulheres, estando associada ao desenvolvimento de transtornos mentais, como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático, além de repercussões físicas, sociais e econômicas que comprometem a qualidade de vida. Os estudos também apontaram dificuldades relacionadas ao acesso aos serviços de saúde,

¹ Doutora em Demografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: edimilda.amador@gmail.com

² Doutoranda em Ciências Jurídicas. Mestra em Direito Privado, Universidad Museo Social Argentino (UMSA), Buenos Aires, Argentina. E-mail: profhelainemedeiros@gmail.com

³ Doutora em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.

⁴ Mestranda em Gestão Organizacional, Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Alto da Boa Vista, Goiás, Brasil. E-mail: mariaterezasantana@yahoo.com.br

⁵ Especialista em Direito Eleitoral, Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: eocadvogado@gmail.com

⁶ Especialista em Enfermagem em Obstetrícia, Saúde da Criança e UTI Neonatal, Centro Universitário Ateneu (UNIATENEU), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: maiellecerqueira@hotmail.com

⁷ Graduado em Medicina área de concentração em Família e Comunidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

⁸ Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – GO), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: marcusviniciuszxcv@gmail.com

fragilidades na articulação da rede de atendimento e necessidade de maior capacitação dos profissionais para a identificação e acolhimento das vítimas. Constatou-se ainda que fatores como vulnerabilidade social, dependência econômica e desigualdades territoriais contribuem para a perpetuação dos ciclos de violência. Assim, verifica-se que a violência de gênero representa um importante desafio para a saúde pública, demandando ações intersetoriais, fortalecimento das políticas públicas e qualificação da assistência para garantir atenção integral e proteção efetiva às mulheres.

Palavras-chave: Saúde da Mulher. Violência de Gênero. Direitos.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the impacts of gender-based violence on women's health, seeking to understand the primary physical, psychological, and social repercussions resulting from this issue, as well as to discuss the role of health services and public policies in addressing such violence. To achieve this objective, an integrative literature review was conducted, structured using the PICO strategy and following PRISMA protocol guidelines. Searches were performed in the SciELO, Scopus, Directory of Open Access Journals (DOAJ), and Google Scholar databases, using descriptors related to gender-based violence, violence against women, and women's health, combined via the Boolean operators AND and OR. Scientific articles published in Portuguese, available in full text free of charge, conducted within the Brazilian context, and published between 2023 and 2024 were included. The results demonstrated that gender-based violence has significant impacts on women's health, being associated with the development of mental disorders—such as anxiety, depression, and post-traumatic stress—as well as physical, social, and economic repercussions that compromise quality of life. The studies also highlighted difficulties regarding access to health services, weaknesses in the coordination of the care network, and the need for better professional training to identify and support victims. Furthermore, it was found that factors such as social vulnerability, economic dependence, and territorial inequalities contribute to the perpetuation of cycles of violence. Thus, gender-based violence represents a major public health challenge, requiring intersectoral actions, the strengthening of public policies, and improved quality of care to ensure comprehensive attention and effective protection for women.

Keywords: Women's Health. Gender-Based Violence. Rights.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar los impactos de la violencia de género en la salud de las mujeres, buscando comprender las principales repercusiones físicas, psicológicas y sociales derivadas de este problema, así como analizar el papel de los servicios de salud y las políticas públicas en el abordaje de la violencia. Para lograr este objetivo, se realizó una revisión integradora de la literatura, estructurada mediante la estrategia PICO y llevada a cabo según las directrices del protocolo PRISMA. Las búsquedas se realizaron en las bases de datos SciELO, Scopus, Directorio de Revistas de Acceso Abierto (DOAJ) y Google Scholar, utilizando descriptores relacionados con la violencia de género, la violencia contra las mujeres y la salud de las mujeres, combinados mediante los operadores booleanos AND y OR. Se incluyeron artículos científicos publicados en portugués, de libre acceso, desarrollados en el contexto brasileño y publicados entre 2023 y 2024. Los resultados mostraron que la violencia de género tiene impactos

significativos en la salud de las mujeres, asociándose con el desarrollo de trastornos mentales como ansiedad, depresión y estrés postraumático, además de repercusiones físicas, sociales y económicas que comprometen la calidad de vida. Los estudios también señalaron dificultades relacionadas con el acceso a los servicios de salud, deficiencias en la articulación de la red de atención y la necesidad de una mayor capacitación de los profesionales para la identificación y el apoyo a las víctimas. Asimismo, se constató que factores como la vulnerabilidad social, la dependencia económica y las desigualdades territoriales contribuyen a la perpetuación de los ciclos de violencia. Por lo tanto, la violencia de género representa un desafío significativo para la salud pública, que exige acciones intersectoriales, el fortalecimiento de las políticas públicas y una mejor atención para garantizar una atención integral y una protección efectiva para las mujeres.

Palabras clave: Salud de la Mujer. Violencia de Género. Derechos.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A violência de gênero constitui um grave problema social e de saúde pública, afetando diretamente a integridade física, psicológica e emocional das mulheres. Trata-se de uma expressão das desigualdades históricas entre homens e mulheres, manifestando-se de diferentes formas, como violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. No campo da saúde, seus impactos são amplos e podem resultar em agravos agudos e crônicos, além de sofrimento psíquico persistente, como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático, exigindo atenção integral dos serviços de saúde (Nascimento, 2025; Linhares; Linhares, 2025).

Diante dessa realidade, este estudo delimita-se à análise da violência de gênero e seus impactos sobre a saúde da mulher, com enfoque nas consequências biopsicossociais e na forma como o sistema de saúde tem respondido a essas demandas. A pesquisa considera o contexto da saúde pública, especialmente no âmbito da atenção primária, por ser este o principal ponto de acolhimento e acompanhamento das vítimas, onde muitas vezes os casos são identificados e encaminhados para a rede de proteção.

A problemática que orienta este estudo parte do seguinte questionamento: quais são os principais impactos da violência de gênero na saúde da mulher e de que forma os serviços de saúde têm atuado na prevenção, identificação e enfrentamento desses casos? A partir dessa questão, busca-se compreender as fragilidades e potencialidades das políticas públicas e das

práticas assistenciais no cuidado às mulheres em situação de violência.

O objetivo geral deste estudo é analisar os impactos da violência de gênero sobre a saúde da mulher e a atuação dos serviços de saúde no enfrentamento dessa problemática. Como objetivos específicos, busca-se: identificar as principais formas de violência de gênero e suas repercussões na saúde feminina; compreender o papel dos serviços de saúde na identificação e acolhimento das vítimas; e analisar as estratégias de enfrentamento e prevenção adotadas no contexto da saúde pública.

Justifica-se a relevância deste estudo pela necessidade de ampliar o debate sobre a violência de gênero como determinante social da saúde, considerando sua alta prevalência e suas graves consequências para a qualidade de vida das mulheres. Além disso, destaca-se a importância de fortalecer as políticas públicas e as práticas de cuidado em saúde, contribuindo para a formação de profissionais mais preparados e para a construção de uma rede de atenção mais efetiva, humanizada e integrada no enfrentamento dessa problemática.

MÉTODOS

A presente investigação foi desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura, método que possibilita a reunião, análise e síntese de diferentes estudos científicos sobre uma temática específica. Essa abordagem permite uma compreensão ampliada do fenômeno investigado, ao integrar resultados de pesquisas com distintas metodologias, contribuindo para a construção de um panorama consistente sobre a violência de gênero e seus efeitos na saúde da mulher.

Para orientar a construção da pergunta de pesquisa e estruturar a busca dos estudos, utilizou-se a estratégia PICO. Nesse modelo, o elemento P corresponde às mulheres em situação de violência de gênero, I refere-se à própria violência de gênero e seus desdobramentos na saúde, C não foi aplicado de forma comparativa nesta investigação, e O diz respeito aos impactos físicos, psicológicos e sociais decorrentes dessa violência. Essa estratégia auxiliou na organização do foco da pesquisa e na definição dos descritores utilizados na busca bibliográfica.

A pesquisa foi conduzida com base nas recomendações do protocolo PRISMA, o qual orienta a realização de revisões sistemáticas e integrativas por meio de etapas bem definidas. O processo iniciou-se com a identificação dos estudos nas bases de dados, seguido pela triagem dos títulos e resumos. Na sequência, foi realizada a leitura completa dos artigos elegíveis, aplicando-

se critérios de inclusão e exclusão até a seleção final das produções que compuseram a amostra desta revisão.

As buscas foram realizadas nas bases de dados SciELO, Scopus, Directory of Open Access Journals (DOAJ) e Google Acadêmico, selecionadas por sua relevância científica e abrangência interdisciplinar. Essas plataformas possibilitaram o acesso a publicações nacionais e internacionais pertinentes ao tema, ampliando o alcance e a consistência das evidências analisadas.

Para o levantamento dos estudos, foram empregados descritores combinados por meio de operadores booleanos AND e OR, o que permitiu refinar e ampliar os resultados conforme a necessidade da pesquisa. Entre os principais termos utilizados destacam-se “violência de gênero”, “saúde da mulher”, “violência contra a mulher” e “impactos na saúde”, assegurando maior precisão na seleção dos estudos relacionados ao objeto de investigação.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A Tabela 1 evidencia os principais resultados obtidos na revisão integrativa.

Tabela 1. Principais resultados obtidos na revisão integrativa			
Autores	Objetivo	Método	Principais resultados
Belotti e Ferigato (2024)	Analisar as interfaces entre violência de gênero e saúde mental de mulheres	Revisão integrativa da literatura	Evidencia forte associação entre violência de gênero e transtornos mentais, como ansiedade, depressão e sofrimento psíquico
Stochero e Pinto (2023)	Analisar as formas de violência contra mulheres em contextos rurais	Revisão integrativa da literatura	Aponta múltiplas formas de violência e dificuldades de acesso aos serviços de saúde, com agravamento da vulnerabilidade feminina
Audibert <i>et al.</i> (2023)	Investigar repercussões da violência na qualidade de vida das mulheres	Revisão narrativa	Identifica impactos negativos na saúde física e mental, com prejuízos significativos na qualidade de vida
Aguiar <i>et al.</i> (2023)	Compreender a articulação entre atenção primária e serviços especializados no atendimento às mulheres em situação de violência	Pesquisa qualitativa	Evidencia fragilidades na rede de atenção e falhas na articulação entre os serviços de saúde

Carvalho e André (2023)	Analisar a prevalência da violência por parceiro íntimo no Brasil	Estudo quantitativo longitudinal	Mostra crescimento dos casos de violência e predominância no ambiente doméstico, com maior incidência entre mulheres adultas
Mota e Almeida (2024)	Analisar impactos da violência entre mulheres em relação íntima na saúde	Revisão integrativa da literatura	Evidencia associação entre violência, sofrimento psicológico e redução da qualidade de vida

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A violência de gênero constitui um fenômeno complexo e multifacetado que ultrapassa a dimensão individual, configurando-se como um importante problema de saúde pública. A análise dos estudos selecionados evidencia que suas repercussões atingem diretamente a saúde física, mental e social das mulheres, comprometendo de forma significativa sua qualidade de vida. Autores como Belotti e Ferigato (2024) destacam que a violência de gênero não deve ser compreendida apenas como um evento isolado, mas como um processo contínuo de vulnerabilização que se expressa em diferentes contextos sociais e institucionais.

Nesse sentido, observa-se que a violência contra a mulher está profundamente relacionada às desigualdades estruturais de gênero, que historicamente colocam a mulher em posição de subordinação social. Essa estrutura desigual contribui para a naturalização de práticas violentas, dificultando tanto a identificação quanto o enfrentamento do problema pelos serviços de saúde. Os estudos analisados reforçam que tais desigualdades se refletem diretamente nos indicadores de saúde das mulheres, especialmente no campo da saúde mental.

Belotti e Ferigato (2024) apontam que há uma forte associação entre a violência de gênero e o desenvolvimento de transtornos mentais, como depressão, ansiedade e estresse pós-traumático. Esses agravos psicológicos não se manifestam de forma isolada, mas estão frequentemente acompanhados de sofrimento emocional persistente, isolamento social e perda da autonomia. Dessa forma, a violência se apresenta como um determinante social relevante do adoecimento psíquico feminino.

Complementando essa perspectiva, Audibert *et al.* (2023) destacam que as repercussões da violência se estendem para além do campo psicológico, afetando também a saúde física das mulheres. Entre os impactos mais recorrentes, estão dores crônicas, distúrbios gastrointestinais, lesões corporais e agravamento de doenças pré-existentes. Esses achados demonstram que a violência de gênero deve ser compreendida de forma integral, considerando suas múltiplas dimensões.

Outro aspecto relevante identificado nos estudos é o impacto da violência na qualidade de vida das mulheres. Audibert *et al.* (2023) ressaltam que as vítimas frequentemente apresentam prejuízos significativos em sua capacidade de trabalho, convivência social e bem-estar geral. Esse cenário evidencia que a violência interfere diretamente na funcionalidade cotidiana das mulheres, comprometendo sua inserção social e econômica.

Stochero e Pinto (2023), ao analisarem contextos rurais, evidenciam que a violência contra a mulher assume características ainda mais complexas em áreas de difícil acesso. Nessas regiões, a invisibilidade social e a fragilidade dos serviços de saúde dificultam a notificação e o enfrentamento dos casos, ampliando a vulnerabilidade das mulheres. Além disso, o isolamento geográfico contribui para a perpetuação dos ciclos de violência.

Os autores também destacam que, nesses contextos, a dependência econômica e social das mulheres em relação aos seus agressores é um fator agravante. Essa dependência dificulta a ruptura com a situação de violência, mantendo as vítimas em relações abusivas por longos períodos. Assim, a violência de gênero se articula com determinantes sociais como pobreza, desigualdade e baixa escolaridade.

No âmbito da organização dos serviços de saúde, Aguiar *et al.* (2023) apontam fragilidades importantes na articulação entre a atenção primária e os serviços especializados. Segundo os autores, embora a atenção primária seja a principal porta de entrada das mulheres no sistema de saúde, ainda existem dificuldades na identificação precoce dos casos de violência. Isso compromete o encaminhamento adequado e a continuidade do cuidado.

Além disso, os profissionais de saúde frequentemente relatam insegurança e despreparo para lidar com situações de violência de gênero. Essa lacuna formativa contribui para a subnotificação dos casos e para a invisibilidade do problema dentro dos serviços de saúde. Dessa forma, a capacitação profissional emerge como um elemento essencial para a qualificação do cuidado.

Carvalho e André (2023) reforçam a dimensão epidemiológica do problema ao evidenciar a alta prevalência da violência por parceiro íntimo no Brasil. Os autores destacam que o ambiente doméstico ainda é o principal espaço de ocorrência das agressões, o que reforça o caráter relacional e estrutural da violência de gênero. Essa constatação evidencia a necessidade de políticas públicas mais efetivas de prevenção e proteção.

A elevada incidência da violência por parceiro íntimo observada por Carvalho e André (2023) permite compreender que a violência de gênero permanece fortemente vinculada às

relações afetivas e familiares. Esse aspecto revela que o espaço doméstico, tradicionalmente associado à proteção e ao acolhimento, pode transformar-se em um ambiente de vulnerabilidade para inúmeras mulheres. Tal realidade produz consequências profundas para a saúde, uma vez que a exposição contínua à violência gera desgaste emocional, medo constante e insegurança, comprometendo a qualidade de vida e o bem-estar das vítimas.

Os estudos analisados também demonstram que a violência de gênero produz efeitos cumulativos ao longo do tempo. Diferentemente de agravos pontuais, suas consequências tendem a se intensificar à medida que a mulher permanece exposta às situações de abuso. Belotti e Ferigato (2024) ressaltam que a repetição de episódios violentos favorece o desenvolvimento de transtornos psicológicos persistentes, dificultando processos de recuperação e reinserção social. Assim, o tempo de exposição à violência constitui um importante fator de agravamento dos danos à saúde.

Outro aspecto frequentemente mencionado na literatura refere-se à invisibilidade dos impactos emocionais da violência. Embora as lesões físicas sejam mais facilmente identificadas pelos profissionais de saúde, os danos psicológicos muitas vezes permanecem ocultos. Ansiedade, depressão, baixa autoestima, sentimentos de culpa e desesperança podem manifestar-se de forma silenciosa, dificultando o diagnóstico e a intervenção precoce. Essa realidade reforça a necessidade de abordagens integrais e humanizadas no atendimento às mulheres.

Nesse contexto, a saúde mental emerge como uma das áreas mais afetadas pela violência de gênero. Belotti e Ferigato (2024) destacam que mulheres em situação de violência apresentam maior predisposição ao sofrimento psíquico intenso, podendo desenvolver transtornos que comprometem suas relações familiares, profissionais e sociais. Além disso, a constante exposição ao medo e à ameaça interfere diretamente na percepção de segurança e estabilidade emocional.

Audibert *et al.* (2023) observam que os efeitos da violência ultrapassam a esfera individual e alcançam o convívio familiar. Muitas mulheres enfrentam dificuldades para desempenhar atividades cotidianas, cuidar dos filhos e manter vínculos sociais saudáveis. Esse cenário contribui para o enfraquecimento das redes de apoio, fator que pode aumentar ainda mais a vulnerabilidade das vítimas e dificultar a busca por ajuda.

Os autores também ressaltam que a violência de gênero possui importantes repercussões econômicas. Muitas mulheres precisam se afastar temporariamente do trabalho devido a lesões físicas ou problemas emocionais decorrentes das agressões. Em situações mais graves, ocorre a perda do emprego ou a redução da produtividade, comprometendo a autonomia financeira e

ampliando a dependência em relação ao agressor. Dessa forma, os impactos da violência extrapolam o campo da saúde e atingem outras dimensões da vida social.

Stochero e Pinto (2023) acrescentam que as desigualdades territoriais influenciam significativamente a experiência das mulheres em situação de violência. Em regiões rurais, a escassez de serviços especializados e as dificuldades de deslocamento reduzem as oportunidades de acolhimento e proteção. Esse contexto evidencia que a violência de gênero não ocorre de forma homogênea, sendo influenciada pelas condições sociais, econômicas e geográficas de cada território.

A análise dos estudos permite identificar ainda que muitas mulheres encontram obstáculos para denunciar as agressões sofridas. O medo de represálias, a dependência econômica, a preocupação com os filhos e a descrença na efetividade dos mecanismos de proteção são fatores frequentemente mencionados na literatura. Esses elementos demonstram que o enfrentamento da violência exige não apenas medidas legais, mas também estratégias de fortalecimento da autonomia feminina.

Aguiar *et al.* (2023) ressaltam a importância da atenção primária à saúde como espaço privilegiado para a identificação precoce dos casos de violência. Por estar mais próxima da comunidade, a atenção primária possui potencial para reconhecer sinais de sofrimento físico e emocional que muitas vezes passam despercebidos em outros níveis de assistência. No entanto, os autores destacam que esse potencial nem sempre é plenamente aproveitado devido à insuficiência de capacitação das equipes.

A necessidade de qualificação profissional aparece como uma das principais recomendações dos estudos analisados. Os autores convergem ao afirmar que muitos profissionais da saúde sentem dificuldades para abordar a temática da violência de gênero, seja por falta de preparo técnico, seja por insegurança diante da complexidade dos casos. Consequentemente, torna-se fundamental investir em processos de educação permanente que fortaleçam competências relacionadas ao acolhimento, escuta qualificada e encaminhamento das mulheres em situação de violência.

A capacitação dos profissionais da saúde representa um elemento central para a efetividade das ações de enfrentamento à violência de gênero. Os estudos analisados demonstram que o conhecimento técnico sobre o tema contribui para a identificação precoce dos casos, para o acolhimento adequado das vítimas e para a realização de encaminhamentos seguros à rede de proteção. Quando os profissionais se sentem preparados para lidar com essas situações,

aumentam as possibilidades de romper ciclos de violência e reduzir os impactos sobre a saúde das mulheres.

Nesse sentido, Aguiar *et al.* (2023) destacam que o acolhimento humanizado constitui uma das principais estratégias para fortalecer o vínculo entre as mulheres e os serviços de saúde. A escuta qualificada, baseada no respeito, na empatia e na ausência de julgamentos, favorece a construção de um ambiente de confiança. Esse vínculo é fundamental para que as mulheres se sintam seguras para relatar situações de violência e buscar apoio institucional.

Os estudos também evidenciam que a violência de gênero deve ser compreendida como uma questão intersetorial. Embora os serviços de saúde desempenhem papel essencial no atendimento às vítimas, a complexidade do fenômeno exige a participação articulada de diferentes setores, como assistência social, educação, segurança pública e sistema de justiça. A integração dessas áreas amplia as possibilidades de proteção e fortalece a rede de enfrentamento à violência.

A literatura analisada demonstra que a fragmentação dos serviços ainda constitui um desafio importante. Em muitos casos, as mulheres são encaminhadas para diferentes instituições sem que haja comunicação efetiva entre elas. Essa descontinuidade do cuidado pode gerar revitimização, uma vez que a mulher precisa relatar repetidamente sua experiência de violência em diversos locais. Tal situação evidencia a necessidade de fortalecer fluxos assistenciais mais integrados e resolutivos.

Belotti e Ferigato (2024) ressaltam que o sofrimento psíquico decorrente da violência frequentemente permanece mesmo após o término das agressões. Muitas mulheres continuam apresentando sintomas de ansiedade, medo, insegurança e dificuldades de relacionamento por longos períodos. Esse dado demonstra que os efeitos da violência não se encerram com a interrupção do ato violento, exigindo acompanhamento contínuo e suporte psicossocial adequado.

A persistência desses agravos evidencia a importância da atenção à saúde mental como componente fundamental da assistência às vítimas. Os estudos apontam que intervenções psicológicas e psicossociais podem contribuir significativamente para a recuperação emocional das mulheres, favorecendo o fortalecimento da autoestima, da autonomia e da capacidade de reconstrução de seus projetos de vida.

Outro aspecto relevante identificado nas publicações refere-se ao impacto da violência sobre a percepção que a mulher desenvolve acerca de si mesma. Muitas vítimas passam a internalizar sentimentos de inferioridade, culpa e incapacidade, especialmente quando

permanecem por longos períodos em relações abusivas. Esse processo compromete a autoconfiança e dificulta a tomada de decisões relacionadas ao rompimento do ciclo de violência.

Audibert *et al.* (2023) observam que as consequências da violência podem influenciar diretamente os hábitos de vida e os comportamentos de saúde das mulheres. Algumas vítimas passam a apresentar alterações no padrão de sono, alimentação inadequada, sedentarismo e uso abusivo de substâncias como álcool e medicamentos. Esses fatores contribuem para o agravamento das condições de saúde e aumentam o risco de desenvolvimento de doenças crônicas.

Os estudos analisados também destacam a relevância das políticas públicas voltadas para a proteção das mulheres. A implementação de programas de prevenção, campanhas educativas e mecanismos de denúncia tem contribuído para ampliar a visibilidade do problema. Entretanto, os autores reconhecem que ainda existem desafios relacionados à cobertura dos serviços, à disponibilidade de recursos e à efetividade das ações implementadas.

Carvalho e André (2023) enfatizam que o enfrentamento da violência de gênero requer mudanças estruturais que ultrapassem o âmbito institucional. É necessário promover transformações culturais capazes de questionar padrões sociais que legitimam relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Dessa forma, a prevenção da violência depende tanto do fortalecimento das políticas públicas quanto da construção de uma sociedade mais igualitária, inclusiva e comprometida com os direitos das mulheres.

Outro aspecto evidenciado pelos estudos refere-se à importância da identificação precoce das situações de violência pelos serviços de saúde. Muitas mulheres procuram atendimento devido a sintomas físicos ou psicológicos sem relacioná-los diretamente às experiências de violência vivenciadas. Nesse contexto, a atuação sensível e qualificada dos profissionais torna-se fundamental para reconhecer sinais muitas vezes silenciosos, possibilitando intervenções oportunas e encaminhamentos adequados. A detecção precoce pode reduzir danos futuros e favorecer a proteção das vítimas.

Os resultados também demonstram que a atenção integral à mulher em situação de violência requer a articulação entre ações preventivas e assistenciais. Enquanto as estratégias de prevenção buscam reduzir a incidência dos casos por meio da educação, conscientização e promoção da igualdade de gênero, as ações assistenciais concentram-se no acolhimento, tratamento e acompanhamento das mulheres afetadas. A integração dessas abordagens fortalece a capacidade dos sistemas de saúde de responder às necessidades apresentadas pelas vítimas.

Além disso, os estudos analisados reforçam que a violência de gênero constitui uma expressão das desigualdades sociais e das relações de poder historicamente construídas na sociedade. Essa compreensão amplia a discussão para além da responsabilização individual dos agressores, evidenciando a necessidade de transformações estruturais que promovam equidade, respeito e valorização dos direitos das mulheres. Nesse sentido, políticas públicas efetivas, associadas a ações educativas permanentes, são indispensáveis para reduzir a ocorrência da violência e seus impactos sobre a saúde feminina.

De modo geral, os achados da revisão evidenciam que a violência de gênero permanece como um dos principais desafios para a saúde pública contemporânea. Os estudos de Belotti e Ferigato (2024), Stochero e Pinto (2023), Audibert *et al.* (2023), Aguiar *et al.* (2023), Carvalho e André (2023) e Mota e Almeida (2024) demonstram que seus efeitos atingem diferentes dimensões da vida das mulheres, produzindo sofrimento físico, psicológico, social e econômico. Assim, torna-se imprescindível fortalecer as redes de atenção, qualificar os profissionais de saúde e ampliar as políticas de proteção e prevenção, visando garantir cuidado integral, humanizado e efetivo às mulheres em situação de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa possibilitou compreender que a violência de gênero constitui um grave problema social e de saúde pública, cujos impactos ultrapassam os limites das agressões físicas e alcançam dimensões emocionais, psicológicas, sociais e econômicas da vida das mulheres. A análise dos estudos selecionados evidenciou que a exposição à violência está associada ao desenvolvimento de diversos agravos à saúde, incluindo transtornos mentais, sofrimento psíquico, redução da qualidade de vida, comprometimento das relações interpessoais e dificuldades para o exercício pleno da cidadania. Dessa forma, confirma-se que a violência de gênero representa um importante determinante social da saúde, exigindo respostas efetivas por parte dos sistemas de proteção e cuidado.

Os resultados demonstraram que a saúde mental figura entre os aspectos mais afetados pela violência, sendo recorrente a presença de ansiedade, depressão, medo, insegurança, baixa autoestima e sintomas relacionados ao estresse traumático. Além disso, observou-se que os impactos não se limitam ao período em que a violência ocorre, podendo persistir por longos anos após a interrupção das agressões. Essa constatação reforça a necessidade de abordagens

terapêuticas contínuas e de uma assistência integral capaz de contemplar as múltiplas demandas apresentadas pelas mulheres em situação de violência.

A revisão também evidenciou que fatores sociais, econômicos e territoriais influenciam diretamente a experiência das mulheres e as possibilidades de enfrentamento da violência. Em especial, os estudos destacaram que mulheres residentes em áreas rurais ou em contextos de maior vulnerabilidade social enfrentam barreiras adicionais para acessar serviços de saúde e redes de proteção. Essas desigualdades ampliam os riscos de permanência em relações abusivas e dificultam a interrupção dos ciclos de violência, demonstrando a necessidade de políticas públicas que considerem as especificidades dos diferentes territórios e grupos populacionais.

Outro aspecto relevante identificado refere-se ao papel estratégico dos serviços de saúde, especialmente da atenção primária, na identificação precoce dos casos e no acolhimento das vítimas. Por sua proximidade com a comunidade, a atenção primária possui potencial para reconhecer sinais físicos e emocionais relacionados à violência e promover intervenções oportunas. Entretanto, os estudos apontaram fragilidades relacionadas à formação profissional, à articulação entre os serviços e à disponibilidade de recursos para o atendimento adequado. Dessa forma, torna-se fundamental investir em processos de educação permanente e no fortalecimento das redes intersetoriais de cuidado.

A análise dos artigos também permitiu compreender que o enfrentamento da violência de gênero exige ações que ultrapassem o campo da saúde. A complexidade do fenômeno demanda a integração entre saúde, assistência social, educação, segurança pública e sistema de justiça, de modo a garantir proteção integral às mulheres. Além disso, estratégias preventivas voltadas para a promoção da igualdade de gênero, o combate às discriminações e a desconstrução de padrões culturais que naturalizam a violência mostram-se essenciais para a redução dos casos e para a construção de ambientes mais seguros e inclusivos.

Diante do exposto, conclui-se que a violência de gênero permanece como um desafio significativo para a saúde pública contemporânea, exigindo respostas articuladas, contínuas e baseadas em evidências científicas. O objetivo deste estudo, que consistiu em analisar os impactos da violência de gênero sobre a saúde da mulher, foi alcançado, uma vez que os resultados evidenciaram os múltiplos agravos decorrentes dessa problemática e a necessidade de fortalecer políticas públicas, redes de apoio e práticas assistenciais humanizadas. Espera-se que os achados desta revisão contribuam para a ampliação do conhecimento sobre o tema e subsidiem ações voltadas à promoção da saúde, proteção dos direitos e melhoria da qualidade de vida das

mulheres.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Janaina Marques de **et al.** Atenção primária à saúde e os serviços especializados de atendimento a mulheres em situação de violência: expectativas e desencontros na voz dos profissionais. **Saúde e Sociedade**, 2023.

AUDIBERT, Simone de Almeida **et al.** Repercussões da violência na qualidade de vida das mulheres: uma revisão narrativa. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, 2023.

BELOTTI, Meyrielle; FERIGATO, Sabrina Helena. Interfaces entre violência de gênero contra mulheres e a saúde mental: uma revisão integrativa da literatura. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, 2024.

CARVALHO, José Raimundo; ANDRÉ, Diego de Maria. Sample design and cross-sectional weights for the Brazilian PCSVDF-Mulher study. **arXiv**, 2023.

LINHARES, Thales Cavalcante; LINHARES, Karen Celine Correa Cavalcante. A LGPD À LUZ DA FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO: UMA LEITURA BASEADA EM LUCIANO FLORIDI. *Revista DCS*, [S. l.], v. 22, n. 85, p. e4009, 2025. DOI: 10.54899/dcs.v22i85.4009.

MOTA, F. L.; ALMEIDA, M. A. S. Os impactos da violência entre mulheres em relação íntima: uma revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2024.

NASCIMENTO, Carlos E. *Cultura Jurídica Brasileira: crítica desde a Analética dusseliana*. 1. ed. São Paulo: Dialética Editora, 2025. 10.48021/978-65-270-6864-8

STOCHERO, Luciane; PINTO, Liana Wernersbach. Violência contra as mulheres que vivem em contextos rurais: uma revisão integrativa. **Saúde e Sociedade**, 2023.